

## DEDICATÓRIAS

### CANTO AQUELE QUE EXISTE EM SI MESMO

Canto aquele que existe em si mesmo, uma pessoa simples e independente,  
Pronuncio, todavia, a palavra Democrático, a palavra En-Masse.

Canto o próprio organismo da cabeça aos pés,  
Nem só a fisionomia nem apenas o cérebro são dignos da Musa, afirmo  
que a Forma completa é muito mais digna,  
Eu canto tanto a Mulher como o Homem.

A Vida imensa em paixão, vitalidade e força,  
Com alegria, para que mais livre seja o impulso formado sob as leis divinas,  
Eu canto o Homem Moderno.

### ENQUANTO MEDITAVA EM SILÊNCIO

Enquanto meditava em silêncio,  
Regressando aos meus poemas, reconsiderando, detendo-me longamente,  
Ergueu-se um Fantasma de aspecto ameaçador diante de mim,  
Terrível em beleza, idade e poder,  
O génio dos poetas de velhas nações  
Que, dirigindo o seu olhar chamejante em minha direcção,  
Com um dedo apontado para muitas canções imortais,  
E numa voz ameaçadora, disse: *Que cantas tu?*  
*Não sabes que existe apenas um único tema para os bardos imortais?*  
*E isto é o tema da Guerra, a fortuna dos combates,*  
*A criação dos soldados perfeitos.*

Então respondi: *Assim seja,*  
*Mas também eu, majestosa Sombra, canto a guerra e uma que foi mais*  
*longa e maior que as outras,*

*Escrita no meu livro com fortunas diversas, fugas, avanços e retiradas,  
vitórias adiadas e vacilantes,  
(Mas, parece-me, certas ou praticamente certas, por fim), o campo de  
batalha, o mundo,  
Para a vida e para a morte, para o Corpo e para a Alma eterna,  
Vê como também eu vim, entoando o canto dos combates,  
Eu, que canto acima de tudo os bravos soldados.*

## NO MAR A BORDO DE NAVIOS

No mar a bordo de navios,  
O azul sem limites que por todo o lado se espraia,  
Com ventos sibilantes e a música das ondas, as grandes e imperiosas ondas,  
Ou um barco solitário que flutua no denso mar,  
Onde, feliz e cheio de fé, desfraldando as velas brancas,  
Fende o éter por entre o fulgor e a espuma do dia ou sob as inúmeras es-  
trelas da noite,  
Eu, uma reminiscência da terra, serei talvez lido por jovens e velhos ma-  
rinheiros,  
Enfim em plena harmonia.

*Eis aqui os nossos pensamentos, pensamentos de viajantes,  
Eis que aparece não só a terra, a terra firme (poderão eles então dizer),  
Aqui o céu forma um arco, sentimos sob os pés o balançar do convés,  
Sentimos a longa pulsação, o fluxo e refluxo do movimento sem fim,  
Os sons do mistério invisível, as vagas e vastas sugestões do mundo ma-  
rítimo, as sílabas líquidas e fluentes,  
O perfume, o ligeiro ranger do cordame, o ritmo melancólico,  
A vista ilimitada e o longínquo e indistinto horizonte estão todos aqui,  
E este é o poema do oceano.*

Então, não hesites, ó livro, cumpre o teu destino,  
Tu não és uma reminiscência da terra isolada,  
Tu, também, como um barco isolado fendes o éter sem que eu saiba qual  
é o teu objectivo sempre pleno de fé,  
Acompanhando qualquer navio que navega, navega tu!  
Leva-lhe entrelaçado o meu afecto (queridos marinheiros, entrelaço-o  
aqui, para vós, em todas estas folhas);  
Avança sempre, livro meu! Desfralda as tuas velas brancas, meu peque-  
no barco, através de vagas imperiosas,  
Canta sempre, navega sempre, leva da minha parte, sobre o azul sem li-  
mites, a todos os mares,  
Esta canção para os marinheiros e todos os seus navios.

## AOS PAÍSES ESTRANGEIROS

Ouvi-vos perguntar qualquer coisa que explicasse este enigma do Novo  
 Mundo,  
 E que definisse a América, a sua atlética Democracia,  
 Por isso, para que vos seja possível descobri-lo, envio-vos os meus poemas.

## PARA UM HISTORIADOR

Tu que celebras o passado,  
 Que tens explorado o que é exterior, a superfície das raças, a vida que  
 se manifesta,  
 Que tens apresentado o homem como a criatura da política, das colecti-  
 vidades, dos governantes e dos sacerdotes,  
 Eu, um habitante dos montes Alegânis, que o apresento tal como ele é  
 em si mesmo com os seus próprios direitos,  
 Que tomo o pulso da vida que raramente se manifesta (o grande orgu-  
 lho do homem em si mesmo),  
 Cantor da Personalidade, delineando o que há-de ainda existir,  
 Assim projecto a história do futuro.

## A TI, VELHA CAUSA

A ti, velha causa!  
 Tu, boa causa, inigualável, apaixonada,  
 Tu, doce ideia, austera, sem piedade,  
 Imortal ao longo dos tempos, raças e nações,  
 Após uma guerra triste e estranha, longa guerra para ti,  
 (Creio que toda a guerra foi na verdade feita de um extremo a outro do  
 tempo e será sempre, sem dúvida, feita para ti),  
 Estes cânticos são para ti, a tua eterna marcha.  
 (Uma guerra, ó soldados, ficou não só nela mesma,  
 Mas muito mais silenciosamente atrás, à espera, para agora avançar nes-  
 te livro.)

Tu, orbe de múltiplos orbes!  
 Tu, princípio em ebulição! tu, germe bem guardado, latente! tu, centro!  
 Em redor da tua ideia repete-se a guerra,  
 Com todo o seu jogo cruel e violento de causas,  
 (Com vastas consequências que hão-de vir três vezes mil anos),

Para ti estes cânticos — o meu livro e a guerra são um só,  
 Fundidos no seu espírito eu e estas minhas folhas, assim como a luta oscilava à tua volta,  
 E como uma roda gira no seu eixo, move-se sem o saber este livro,  
 Em redor da tua ideia.

## IMAGENS

Encontrei um vidente  
 Que ultrapassava os matizes e os objectos do mundo,  
 Os campos da arte e da ciência, do prazer, dos sentidos  
 Para juntar imagens.

Não introduzas nos teus cantos, disse ele,  
 Nem a hora ou o dia enigmáticos, nem um segmento ou qualquer parte,  
 Introduce antes, como se fosse a luz para todos ou seu preliminar canto,  
 As imagens.

Sempre o obscuro começo,  
 Sempre o crescimento, o arco do círculo,  
 Sempre o cimo e a submersão final (para com toda a certeza recomeçar),  
 Imagens! imagens!

Sempre o instável,  
 Sempre a matéria que muda, que se desagrega, que se recompõe,  
 Sempre as oficinas, as fábricas divinas,  
 Que produzem imagens.

Vede, eu ou vós,  
 Ou a mulher, o homem, ou o estado, conhecido ou desconhecido,  
 Nós, que parecemos construir a riqueza sólida, a força, a beleza,  
 Mas que realmente construímos imagens.

A efémera ostentação,  
 A substância do talento de um artista ou os longos estudos de um sábio,  
 O esforço do guerreiro, do mártir, do herói,  
 Para dar forma à sua imagem.

De toda a vida humana  
 (Juntas as unidades, dadas a conhecer sem omitir um pensamento, uma  
 emoção, um acto),  
 O todo, grande ou pequeno, resumido ou acrescentado  
 Na sua imagem.

O velho, velho anseio,  
Apoiado nos antigos cumes, vede, os cumes mais recentes e mais altos,  
Ainda incitado pela ciência e pelo que é moderno,  
O velho, velho anseio, imagens.

O presente aqui e agora,  
A activa América, pululante, um complexo turbilhão,  
Capaz de reunir e separar só para daí libertar  
As imagens de hoje.

Estas com as do passado,  
As das terras desaparecidas, de todos os reinos dos soberanos do outro  
lado do mar,  
Antigos conquistadores, antigas campanhas, viagens de antigos mari-  
nheiros,  
Imagens que se juntam.

Densidades, impulsos, aparências,  
Estratos das montanhas, solos, rochas, árvores gigantes,  
Que nascem longe, morrem longe, vivem tanto tempo para deixar  
Imagens eternas.

*Exalté*, maravilhado, em êxtase,  
O visível é apenas o útero do seu nascimento,  
De tendências órbicas para conceber sem parar  
A grande imagem terrestre.

Todo o espaço, todo o tempo  
(As estrelas, as tremendas perturbações dos sóis  
Que se avolumam, sucumbem, acabam e obedecem ao seu curso mais  
longo ou mais breve),  
Apenas repletos de imagens.

Milhares de coisas silenciosas,  
Os infinitos oceanos onde os rios desaguam,  
As identidades livres, distintas e inúmeras, como a vista,  
As verdadeiras realidades, imagens.

Nada disto é o Mundo,  
Nem estes os universos, porque eles são os universos,  
O sentido e o fim, a vida que se repete na vida para sempre,  
Imagens, imagens.